

Seculo do Homem do Povo

EVARISTO DE MORAES FILHO

Copyright de LEITURA

Tivesses todos os políticos que andam por este mundo a mesma sinceridade na declaração das suas idéias, e mais do que isso, procurassem todos eles ser honestos ao aplicá-las na prática de suas ações de homens públicos, como o faz Henry Wallace, e por certo se este não chegasse a ser o melhor dos mundos, pelo menos não seria tão mau como vem sendo até agora. A verdade é que não se pode mais compreender o até então chamado "político profissional", aquêle tipo clássico, com os bolsos cheios de charutos e de arengas escritas pelos outros, charlatão consumado, sem profissão definida, vivendo de expedientes suspeitos e de golpes de mão, e fazendo do seu programa de ação uma simples tabela de preços, entregando-se sempre ao capitalista, ao que lhe oferece o maior lance, com o mesmo cinismo com que um comerciante de secos e molhados anuncia e vende os seus produtos alimentícios.

Wallace é um desses exemplos vivos de que nem sempre a classe social a que pertence um homem chega a ser um obstáculo demasiado opaco e absoluto a ponto de impedi-lo de enxergar também do outro lado. Felizmente, ainda há trincheiras transparentes. E para chegar até o que se passa por trás do muro, basta às vezes ter somente um pouco de compreensão e de boa vontade. A miséria é muito grande, a desgraça mora em tôdas as esquinas e a dor da fome anda por tôdas as portas. Ninguém precisa abrir a janela do

seu gabinete para ouvir o desespero que vai cá por fora. Os gritos entram pelas frestas das janelas, e mesmo pelo buraco da fechadura alcança-se bem o quadro triste que habita o mundo. Tudo isso é fácil. A



Evaristo de Moraes Filho

coragem, porém, está em ver o que se passa no lado proibido da vida, onde a suposta liberdade política, da igualdade de todos diante da lei, desaparece por baixo do rôlo compressor da tremenda necessidade real

de todos os instantes, e levar ainda quente e sangrando nas mãos, para a sala de banquetes e para os escritórios dos magnatas da indústria o coração do pobre, que está quase parando, mas que ainda não parou.

E é justamente esta coragem de afirmar bem claramente o que vai de injustiça social e econômica pela vida contemporânea que faz de Henry Wallace um cidadão à parte entre os governantes atuais.

E ainda isto é mais de ressaltar-se, quando se atenta sobre o fato de que Wallace vive cercado de banqueiros, de milionários, de capitães da indústria, de gente que acende cigarro com notas de dólar-ouro. Mostrar as injustiças sociais e a necessidade imperiosa das divisões da fortuna num país onde os Rockfellers se multiplicam e que ocupa o alto na escala do desenvolvimento capitalista, é correr sério risco na sua saúde física e política. E esse mesmo risco acabamos de assistir ainda agora com a oposição que sofreu o nome de Wallace para candidato a nova Vice- Presidência por parte dos elementos reacionários do Partido Democrata.

Não se atacam impunemente os exploradores do povo numa terra em que eles se somam quase aos milhões...

O homem do povo já está cansado de sofrer e agüentar sozinho com o peso desta complicada engrenagem que se chama mundo moderno, cheio de maquinaria, de acidentes, de insucessos, de explorações. E prega Henry Wallace: "O mundo precisa realmente criar uma "nova ordem".

Não a "nova ordem" de que fala o nazismo e que apenas vestiria uma nova forma de escravidão; mas a nova ordem de democracia, onde venham a prevalecer a segurança, a estabilidade, a eficiência e a abundância largamente distribuída". E depois, pouco adiante, com muito mais força de expressão: "Homens e mulheres só são realmente livres quando têm alimento suficiente e dispõem de tempo bastante e de aptidão para ler e pensar e discutir os assuntos que os interessam".

Mas nenhum trecho vale aquêle em que Wallace, como profeta do mundo moderno, se entrega inteiramente ao povo, ao homem da rua, aos que vêm lutando há muitos séculos sempre por um mundo melhor, no qual os ricos

BRYLCREEM

Combate a calvície

Feitura
Jan. 1945